



**À guisa de introdução: as Emoções na História**  
**A manera de introducción: Las emociones en la Historia**  
**By Way of Introduction: The Emotional Domain in History**

Ricardo da COSTA<sup>1</sup> e  
Enric MALLORQUÍ-RUSCALLEDA

As emoções, são via de regra, o *leitmotiv* da História e, curiosamente, um dos temas mais esquecidos pelos historiadores. Relegadas ao plano da *psiqué*, as emoções foram, a partir do final do século XIX, o espaço de atuação da Psicanálise por excelência.

Em contrapartida, o universo dos sentimentos foi objeto de profundas considerações filosóficas, desde a Grécia Antiga. Aristóteles (384-322 a. C.), de um modo muito franco, abordou o tema em sua *Retórica das Paixões*. Nela, o *Estagirita* tratou do assunto, quando destacou o poder das emoções e seus efeitos nas ações humanas. Por exemplo, ao discorrer sobre o *amor* e o *ódio*, o filósofo desnudou o âmago mais profundo de nosso ser:

**4. Do amor e do ódio**

Digamos a quem se ama ou se odeia, e por quê, após ter definido a amizade e o amor. Seja amar o querer para alguém o que se julga bom, para ele e não para nós, e também o ser capaz de realizá-lo na medida do possível. Amigo é o que ama e é, por sua vez, amado. Consideram-se amigos os que assim se acham dispostos reciprocamente.

Admitidas essas conjecturas, é necessariamente nosso amigo aquele que se regozija com nossos bens e sofre com nossas tristezas sem outra razão que o nosso interesse (...) E os que têm os mesmos inimigos que nós, ou melhor, aquele que odeiam os que odiamos, assim como os que são odiados pelos mesmos que nos odeiam, porque para todas essas pessoas os bens parecem ser os mesmos que para nós.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Medievalista da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Acadêmico correspondente no exterior da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*. Site: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)

<sup>2</sup> ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. São Paulo: Martins Fontes, , cap. 4, p. 23.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*  
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna  
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna  
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

Quantas atribuições, desgraças, mortes, guerras, sofrimentos, amores e vicissitudes a História presenciou sobre o signo das emoções! Do mesmo modo, a Idade Média percebeu que as emoções eram a raiz mais profunda, base mais recôndita das decisões humanas. Era preciso decifrá-las, analisá-las, compreendê-las. Em outras palavras: civilizar a Humanidade, conter suas pulsões, domesticar os instintos. Por isso, os pensadores medievais dedicaram milhares de obras para defini-las e julgá-las, boas ou más.

Mais: dever-se-ia perscrutá-las no ambiente no qual repercurtem: a sociedade humana, o *teatro do mundo*, pano de fundo de nossa comédia, como bem recordou o bispo João de Salisbury (c. 1115-1180):

8. A comparação de Petrônio é sem dúvida elegante: as ações praticadas pelo homem no burburinho do mundo assemelham-se mais a uma comédia que a um empreendimento heróico.<sup>3</sup> Foi dito que “a vida do homem sobre a terra é uma milícia”.<sup>4</sup>

Contudo, se o profeta houvesse podido imaginar o nosso tempo, sem dúvida ele também haveria de dizer que a vida do homem sobre a terra é uma comédia, na qual cada um, esquecido de si mesmo, recita a parte do outro. Mas creio que o profeta apenas queria ensinar que aqueles a quem a vida terrena ainda não absorveu, devem ser sempre soldados [de Cristo].<sup>5</sup>

Um século depois, Tomás de Aquino (1225-1275), ao discorrer sobre os sete pecados capitais (tema crucial para a filosofia cristã), transformou-se em um dos maiores diagnosticadores da alma humana, esse invariável moto perpétuo

---

<sup>3</sup> Petrônio (c. 27-66 a.C.). “Quanto a Petrônio, devemos reportar um pouco antes. É certo que ele dedicava o dia ao sono, as noites aos deveres e às distrações da vida. E assim como outros devem sua fama ao trabalho, ele a devia à preguiça, e não era tido como um libertino e um dissipador, como muitos que dissipam seu patrimônio, mas como um erudito no luxo. E como suas palavras e ações eram livres e providas de uma aparência de negligência de si mesmo, elas eram recebidas mais de bom grado sob uma aparência de simplicidade. Malgrado tudo, foi procônsul da Bitúnia e, depois, cônsul, dando provas de energia e de estar à altura dos negócios públicos. Voltando aos seus vícios ou tomando o ar de um viciado, Petrônio foi admitido entre os poucos íntimos de Nero, como um árbitro de elegância, até o ponto em que o príncipe não acreditava que houvesse nada mais encantador e delicado em seu luxo além daquilo que Petrônio lhe recomendava.” – TÁCITO, *An.*, 16, 18.

<sup>4</sup> Jo 7, 1.

<sup>5</sup> Trad.: Luis Alberto de Boni. *In: Filosofia Medieval – Textos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 137-143.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*  
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna  
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna  
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

no turbilhão dos acontecimentos da Humanidade, como bem destacou Marc Bloch (1889-1944).<sup>6</sup>

Invejar, pelo seu próprio objeto, implica algo contra a caridade, pois é próprio do amor de amizade querer bem do amigo como se fosse para si mesmo, porque – como diz o Filósofo (*Ética e Nicômaco* IX, 4) – o amigo é que como se fosse outro eu.

Daí que entristecer-se com a felicidade do outro é claramente algo oposto à caridade, pois por ela amamos ao próximo. Daí que Agostinho diga (*Da verdadeira religião*, 47): “Quem inveja a quem canta bem não ama ao que canta bem”. Daí que a inveja é pecado mortal por seu gênero.

33. Os pusilânimes são propensos à inveja pois, como se diz no livro de Jó, a inveja mata os pequenos. E isto com razão, pois o medíocre acha que a prosperidade de outro impede a sua: o que é próprio de almas pequenas (*In Iob* cb 5).<sup>7</sup>

O *Setenário medieval* imortalizou os vícios e as qualidades humanas. As emoções eram, naquela tempo, a razão de ser da especulação filosófica. Com o advento da Modernidade, o tema foi, gradativamente, relegado a um segundo plano, até que, Freud (1856-1939) alçou-o à razão de ser de nossa espécie.

*Mirabilia 15*, sob a coordenação de Enric Mallorquí-Ruscalleda (Princeton University), resgatou as emoções como objeto de análise. A riqueza e a pluralidade das perspectivas dos articulistas que generosamente se apresentaram para nossa chamada temática demonstraram um vigor interpretativo e uma capacidade que ofereceram à publicação o acolhimento de um rico universo temático-cronológico.

*As Emoções no Mundo Mediterrâneo Antigo e Medieval*, que temos a honra de apresentar, consta de três partes distintas, com quinze contribuições. A primeira, formada por oito artigos, abre o tema do volume. Os generosos autores que nos confiaram seus excelentes trabalhos indagam sobre a

<sup>6</sup> BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997, p. 99.

<sup>7</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Sobre o Ensino (De Magistro)*. *Os Sete Pecados Capitais* (tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand). São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 90 e 124. Não posso aqui deixar de lembrar, infelizmente, das tremendas pressões que sofri no ambiente universitário por parte de maledicentes professores, o que me causou um AVC tronco-cerebral (em dezembro de 2007). Tudo basicamente devido a esse triste e detestável vício capital, a inveja.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*  
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna  
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna  
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

representação das emoções em textos de distintas naturezas, tanto de uma perspectiva interdisciplinar quanto de diferentes prismas teóricos e historiográficos. Têm uma dupla finalidade: 1) compreender melhor não só os textos que submetem ao seu escrutínio (já que pertencem a diferentes tradições nacionais) mas também 2) aprofundar a hermenêutica da alma humana e de suas paixões. Os textos e contextos que submetem a seu juízo percorrem um longo caminho da Antiguidade clássica até o início da Modernidade, passando pela Idade Média. Esses períodos históricos, tradicionalmente entendidos como fragmentários, são percebidos a partir de uma solução de continuidade (mas também de rupturas, por que não dizê-lo?).

São artigos de natureza distinta que proporcionam leituras variadas. Há análises de textos históricos (Brochado, Feros Ruys, Lotan, Ramires), literários (Rodríguez, Tigchelaar) e filosóficos (Torné e Zaborowski). No mesmo tom analítico, a segunda parte desse volume de *Mirabilia* está formada por uma série de artigos com temas livres e nos quais são abordadas questões de capital importância para que possamos continuar a aprofundar o conhecimento da história literária e política (Cortijo Ocaña, Renedo i Puig), cultural (Bertoli, Macías Villalobos, Salvador González) e material (Juárez Valero) tanto da Antiguidade como da Idade Média e do alvorecer da Modernidade. *Mirabilia 15* encerra com quatro resenhas de recentíssimas publicações internacionais.

Também agradecemos o interesse e a acolhida da *Revista Mirabilia* por parte tanto do organizador do volume quanto dos confrades representantes das diversas universidades no Brasil e principalmente no exterior (Austrália, Espanha, França, Israel, Polônia, Portugal e USA). Trata-se, na verdade, de um número comemorativo, pois, a partir dele, *Mirabilia* passa a ser uma publicação do *Institut d'Estudis Medievals* da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Vida longa a *Mirabilia*!

Este volume é dedicado ao nosso grande amigo e mestre Jean Lauand.